

CONHEÇA
O ESQUEMA
DE GOUTINHO

PLACAR

**BOLA DE PRATA:
CEREZZO FOI
O MELHOR NUMA
BRIGA DURÍSSIMA**

REVISTA ESPORTIVA SEMANAL DA EDITORA ABRIL • N.º 411 • 10/MARÇO/1978 • CR\$ 15,00

**SÃO PAULO
NO RITMO
DE MINELLI:
SEMPRE
CAMPEÃO!**

EDITORA ABRIL
NORTE NORDESTE, CUIABÁ, CORUMBÁ, MANAUS, SANTARÉM, BOA VISTA, ALTAMIRA, MACAPÁ, PORTO VELHO E RIO BRANCO, VIA AEREA/18,00 - 0563





Editora Abril
Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Edgard de Sílvia Faria, Richard Civita,
Roberto Civita, Rubens Vaz da Costa

Divisão de Publicações Masculinas:
Thomaz Souto Correa

PLACAR

REDACÇÃO

Diretor: Jairo Régis
Redator chefe: João Rath
Editor de texto: Celso Kinjô
Editor de Automobilismo: Lemyr Martins
Chefe de Reportagem: João Areosa
Redatores e Repórteres: José Maria de Aquino, Marco Aurélio Guimarães, Maurício Cardoso, Luiz Antônio Nascimento, Carlos Alberto Noronha, Carlos Queiroz
Fotógrafos: Manoel Motta, Ronaldo Kotscho, José Pinto
Arte: Afonso Luiz Grandjean Pinto (chefe), Nelson Alves, Sérgio Prado Martins, Walter Mazzuchelli, José Nogueira Ohi, Geraldo Barros (texto)
Secretário de Produção: Jurandir Xavier Chamusca
Arquivo: Pedro Álvares Cabral
Colaborador: Mauro Pinheiro

Escritórios Regionais

Rio: Nelson Silva (coordenador geral), Aristélio Andrade (chefe de redação), Luis A. Chabassus, Oscar Maurício L. Azêdo e Raul Quadros (repórteres), Ignácio Vicente Ferreira, Rodolpho Machado (fotógrafos); **Brasília:** Pompeu de Souza (diretor), D'Alembert Jaccoud (chefe de redação); **Belo Horizonte:** Carlos Lindemberg Spinola (chefe de redação), Célio Apolinário (fotógrafo), Sérgio A. Carvalho (repórter); **Porto Alegre:** Luis Cláudio Cunha (chefe de redação), Divino Fonseca (repórter), J. B. Scalco (fotógrafo); **Recife:** José Maria Andrade (chefe de redação), Lenivaldo Aragão (repórter), Sílvio Ferreira (fotógrafo); **Salvador:** Carlos Libório (chefe de redação), Carlos Otávio Battesti, Paulo Marconi (repórteres), Antônio Andrade (fotógrafo); **Curitiba:** Hélio Teixeira (chefe de redação), Milton Ivan Heller (repórter), Amilton Vieira (fotógrafo)

Correspondentes/Colaboradores

Aracaju: Gilson Rolemberg (textos), Luis Carlos Moreira (fotos); **Belém:** Júlio Lynch (textos), José Maria Moreira (fotos); **Brasília:** Irlam Rocha (textos), José Freitas (fotos); **Campina Grande (PB):** Marcondes Brito (textos), Nicolau de Castro (fotos); **Campo Grande (MT):** Hélio de Souza (textos), Almir Vilela (fotos); **Cuiabá:** Jê Fernandes (textos), Osmar Cabral (fotos); **Campos:** Pêris Ribeiro (textos); **Florianópolis:** Mário Medaglia (textos), Orestes Araújo (fotos); **Fortaleza:** Marcos Nunes (textos), Edson Pio (fotos); **Goiania:** Jairo Rodrigues (textos), Wálter Soares (fotos); **João Pessoa:** Martins Neto (textos), Arion Carneiro (fotos); **Londrina:** Isnard Coideiro (textos), Nani Góis e José Pedro (fotos); **Macapá (Ap):** JOÃO Silva (textos), Horácio Marinho (fotos); **Maceió:** Bernardino Souto (textos), Hélder Monteiro e José Feitosa (fotos); **Manaus:** Flávio Seabra (textos), Cláudio S. Paulo (fotos); **Natal:** Rosaldo Aguiar (textos), Adérson França (fotos); **Porto Velho (RO):** Miguel Silva (textos); **Ribeirão Preto (SP):** Fernando Braga (fotos); **Rio Branco:** José Chalub Leite (textos); **Salvador:** Fernando Escariz (textos); **São Luís:** Fernando de Souza (textos), Jairo Brasil (fotos); **Teresina:** Carlos Said (textos), Ademar Danilo (fotos); **Vitória:** Gilson Félix (textos), Joaquim Nunes (fotos); **Uberaba:** Luiz Gonzaga de Oliveira (textos); **Lindomar Vicente (fotos)**

Correspondentes Internacionais

Bonn: Sílvio Rothenbach; **Genebra:** Claudius Cecon; **Lima:** Augusto Montesinos; **Lisboa:** Sérgio de Oliveira; **Madri:** Eric Nepomuceno; **México:** Wladir Dupont; **Paris:** Pedro Cavalcanti; **Roma:** Marco Antônio de Rezende; **Te-lavive:** Alessandro Porro

Serviços Editoriais

Documentação: Marília S. J. Franca (gerente), Antônio A. Ferreira, Dilcio Covizzi, Jany C. Raschkovsky, Júlio César Garcia, Lauro Augusto C.M. Coelho, Lillian Baroni, Maria Aparecida S. Marzo, Maria Inês Zanchetta, Marion A. Frank, Paulo R. Ribeiro, Renato C. Tapajós, Rosânia P. Santos, Sheila Ribeiro, Solange Padilha, Suzana C. Kfourí, Vicente Roig, Ubirajara Forte, Vani Rezende.
Abril Press: Judith Baroni (gerente-S.Paulo) — Sucursais: — **Nova York:** — Odílio Licetti (gerente), 444 Madison Avenue Room 2201, New York, NY, 10022 — Telex: EDABRIL 423-063, Phone (212) 688-0531 — **Paris:** — Pedro de Souza — 214 Rue de la Convention, Phone 250-9277/França — **Milão:** Lydia Stralunin — Via Settembrini 45 — 20124 Milão — Phone 278-659 — Telex 34.070 — Itália
Laboratório Fotográfico: Jussi Lehto (gerente)

Departamento Comercial

Gerente de Publicidade: José Filinto da Silva Neto
São Paulo, representantes: José Humberto A. Sobrinho e Walter Silva
Coordenador de Produção: Carlos Alberto Trujillo
Diretor Central de Publicidade: Oswaldo de Almeida Filho
Representantes: Noberto Cagnacci e Marcos Antonio Venturoso
Assistente de Vendas: Luiz Antonio Madio Sanchez
Belém, subgerente: José Mauricio Alves Fernandes
Belo Horizonte, gerente: Mariza Tavares Parreiras
Brasília, gerente: Luis Edgard P. Tostes
Curitiba, gerente: Aldo Schiochet
Florianópolis, subgerente: Geraldo Nilson de Azevedo
Porto Alegre, gerente: Kleber Vieira Bühr
Recife, gerente: Edmundo Moraes
Rio, gerente: Leopoldo Amorim
Representante: Manoel Telles de Souza
Salvador, gerente: Juracy Costa
Diretor de Escritórios Regionais: Sebastião Martins

Gerente de Produto

Alexandre Daunt Coelho

Diretor responsável: Edgard de Sílvia Faria
Assessor: Sérgio Oliva



PLACAR é uma publicação da Editora Abril Ltda., Redação, Publicidade, Administração e Circulação: Av. Otávio Alves de Lima, 800 tel.: 266-0011 e 266-0022, caixa postal 2372, fone 1011 e 2209, São Paulo - Telex em Nova York: 514880; 423-063 e Escritórios: Belém: r. XV de Novembro, 226 sala 1313, Edifício Chamusca / tel. 222-5507 / Belo Horizonte: r. Álvares Cabral, 908, tel. 337-0351, tel. 931-1085, telegramas: Abilpress / Brasília: SCS-Projectada, 6, edifício Central, 12º andar, sala 1201B, tel. 24-9150 e 24-3118, telegramas: Abilpress / Florianópolis: r. Felipe Schmidt, 51, Galeria Jacqueline, n.º 4, sala 201 / tel. 22-8530 / Curitiba: r. Marçal Floriano Perotto, 228, Edifício Barilotti, 5º andar, conj. 3012, 6º andar, conj. 6012, tel. 22-5541 / redação: 24-8270, telegramas: Abilpress / Porto Alegre: r. Vitor de Castro, 285, sala, dep. com. 23-9517, 31-5348, redação: 23-9446 e 23-9502, telegramas: Abilpress / Recife: r. Siqueira Campos, 45, Edifício Liga Uchoa Medeiros, conj. 204,5, tel. 24-4957, telegramas: Abilpress / Rio de Janeiro: r. do Passos, 54, 6-11, andares, tel. 244-2022, 244-2051, 244-2011, 244-2152, caixa postal 2372, fone 021-22074 / Salvador: r. Malhada n.º 304, Parque Cruz Aguiar, Bairro do Rio Vermelho, tel. 247-3099, telegramas: Abilpress / Distribuidor nos EUA: M&Z Representativa, 122 Ferry Street, Newark, N.J. 07105, tel. (201) 588-2184 / Preço por exemplar: 1,00 em todas as cidades / Não é permitido a reprodução ou a utilização de qualquer parte desta revista sem a autorização expressa da Editora Abril. Todos os direitos reservados. Impressão e distribuição com exclusividade no país pela Editora Abril S.A. Cultural e Industrial São Paulo. As opiniões dos artigos assinados não são necessariamente as adotadas por esta revista, podendo ser contrárias à mesma. Registrada no D.C.D.P. do Departamento da Polícia Federal sob n.º 034 P 239 73

CHORO DO GIGANTE



O São Paulo campeão tem seu herói. Não foi o Chicão de todos os jogos — Chicão duro, valente, incapaz de fugir de uma dividida. Foi isso e mais. Foi o Chicão que se superou, mostrando que valentia não é incompatível com classe. O Chicão tamanho de Seleção. Futebol total, enfim: a raça e a habilidade.

CAMPEÃO

SÃO PAULO COMO SEMPRE.



De repente, a torcida despertou para o novo São Paulo, que surgiu com Minelli, um time competitivo e forte. O time campeão.

DELEAÇÃO!

UM TIME DE RAÇA E FINAL



Chicão, maior figura da final, apesar do pênalti perdido. Zé Sérgio, bom nos dois lados; Bezerra, coração e muito vigor.

Não houve nenhuma zebra: correndo por fora, incógnito, o

ue time é esse, que se dá ao luxo de deixar de fora sua única e realmente grande estrela, Pedro Rocha, fiel capitão, excelente amigo, conselheiro dos mais novos, relacionado como uma das grandes glórias do clube, tantas vezes capaz de decidir jogos tidos como perdidos e de resolver problemas vistos como insolúveis — já que Valdir Peres ficava apenas num rodízio com o menos conhecido Toinho, já que Chicão, num dado momento, importante, parecia ter seguido pelo atalho errado, já que Dario Pereyra, o novo caudilho, o sangue uruguaio, não conseguia quebrar o encanto e entrar inteiro na dança, e já que Serginho e Zé Sérgio, pelo menos para uma boa maioria, não passavam de jogadores em fase de evolução, de gratas promessas? Que time é esse que, apesar de tudo isso — ou, talvez por isso mesmo — conseguiu chegar ao trono dos deuses, comemorando agora, e pelo menos por mais alguns meses, o gostoso e cobiçado título de Campeão Brasileiro de Futebol?

Que time é esse que, sem que nem mesmo seus torcedores mais fanáticos, aqueles poucos que não guardam o calor dos seus aplausos e o talco inodoro de suas bisnagas apenas para os jogos de festas, como, infelizmente, faz a grande maioria, sabe repetir sua escalação com melodia, sem engasgar ou sem fazer algumas ressalvas, marcando, no entanto, soberbas vitórias contra autênticos papões, como aconteceu contra o Grêmio, campeão gaúcho, o Internacional, bicampeão brasileiro, o Operário e o grande Atlético Mineiro?

Que time é esse que, apenas agora, nas últimas voltas de sua grande conquista, conseguiu desentocar sua grande torcida, fazendo-a lotar o Morumbi, quebrando recordes de rendas e colorindo-o com o vermelho, o preto e o branco de suas bandeiras?

Paixão de torcedor

Que time é esse? Um autêntico campeão, finamente armado em todas as suas linhas e só agora, tardiamente, descoberto pela grande maioria? Uma enorme zebra, impossível de ter sido apontada há mais tempo? Ou um belo azarão correndo por fora, sempre muito bem treinado e dirigido, apostado por alguns poucos corajosos, bons conhecedores desse intrincado jogo?

Para seus torcedores permanentes, aqueles sempre presentes, como Hélio Silva, chefe da torcida uniformizada, esse time, além de autêntico campeão, já é quase uma repetição de outros times da velha escola são-paulina.

— Ele é quase tão bom quanto aquele time que foi bicampeão paulista em 1970/1971, repetindo em 1975, e que por duas vezes, em 1971 contra o Atlético Mineiro, e em 1973 contra o Palmeiras, disputou e quase ganhou esse mesmo título de Campeão Brasileiro, conseguido agora.

Só faltou mesmo o Pedro Rocha para que a festa fosse totalmente completa. Mas ele estava contundido.

Sem a mesma paixão do torcedor, e bem mais próximo da realidade, o lateral-esquerdo e quarto-zagueiro Bezerra, uma das peças importantes desse time, diz que o São Paulo foi quase um azarão que já vai pintando como grande força, mudando de estilo e ganhando vez numa turma não muito forte.

— Eu não acho que o São Paulo tenha sido, exatamente, um azarão. Acho mais que foi um time que soube correr por fora, sem ser muito olhado pela torcida e pelos especialistas, e que, graças a um trabalho feito em conjunto, acabou chegando lá. Não somos nenhum timaço, mesmo porque não vejo nenhum timaço aqui no Brasil. Mas somos um time capaz de correr no grupo da frente e de entrar primeiro no funil de chegada. Que outro time fez campanha melhor do que a nossa? Só podem apontar o Atlético Mineiro, que ganhou mais pontos, fez mais gols, sofreu menos e teve o artilheiro do Campeonato. Mas, como ganhamos deles na final, lá dentro do Mineirão, acho que merecemos um crédito igual ao dado a ele.

Jogada ensaiada

E detalhes considerados dos mais valiosos, são logo lembrados, apontando e ressaltando a figura do técnico Minelli.

— Ele não se limitava a treinar o time, a ensaiar as muitas jogadas que nos ajudaram a decidir o título e a transmitir para a gente tudo aquilo que sabe, e que não é pouco. O Minelli motivava o time, transmitindo confiança e responsabilidade. Ele sempre repetia: nós vamos chegar lá. Peguem duro, que a gente vai conseguir o melhor. Nós sabemos o que somos e o que queremos. Isso pode não ser tudo mas, acreditem, é muito.

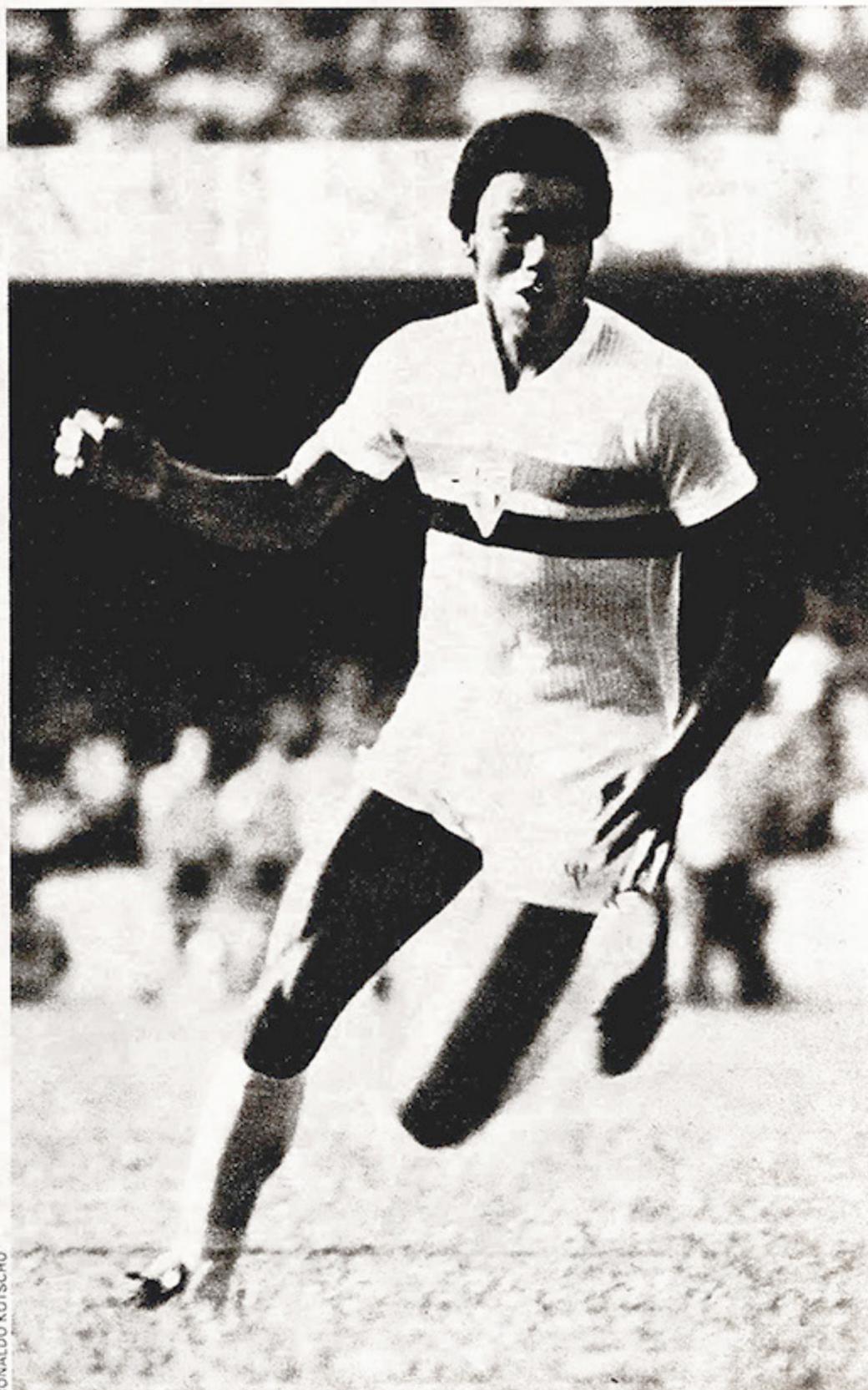
E Minelli, não por acaso, mas como prova de que existiu um trabalho feito em conjunto, também pensa e explica a conquista — como fez Bezerra.

— Sei que muita gente anda dizendo que o São Paulo só chegou à situação em que se encontra, com a faixa de campeão no peito, por obra do acaso, mas eu discordo. Para os que dizem essa bobagem, dou um recado. Depois do Atlético Mineiro, nós fizemos a melhor campanha nesse Campeonato Brasileiro. E, como o superamos na final, palmas para nós. Além disso, é bom lembrar que nós enfrentamos adversários bem mais difíceis do que ele enfrentou.

São argumentos sustentados por números e que ninguém, por mais que tente, vai conseguir negar. Assim como não se pode negar que o resultado final, tão intensamente comemorado pela torcida, seja consequência de um trabalho muito bem elaborado e muito bem executado pela Comissão Técnica, em que pese o curto espaço de tempo e uma série



Instruído por Minelli, Dario Pereyra se ajusta ao elenco.



Vice-artilheiro do campeonato, Serginho foi importantíssimo.

São Paulo chegou ao título com um trabalho de conjunto.



Getúlio saiu do próprio Atlético para ocupar a lateral-direita; Teodoro garantiu o miolo.

de contusões ocorridas. Nem que algumas falhas nas contratações e no aproveitamento dos jogadores à sua disposição, possam ser apontadas pelos mais exigentes.

Esse time, que não está fadado a entrar na história do futebol como uma máquina de jogar, como um todo capaz de encher os olhos dos torcedores, arrancando aplausos mais demorados, mas que deve ficar marcado como um time de muito brio e de muita luta tem de ser visto como um time ainda em formação, onde muita coisa deve ser mantida e onde algumas outras podem ser mudadas.

Certo ou errado — e não é o caso indagar-se agora — esse time há apenas cinco meses começou a nascer das cinzas de um outro, quase inteiramente desfeito. Dos titulares do antigo time, restaram apenas Valdir Peres, Chicão e Serginho — já que Rocha não tem sido aproveitado, Mirandinha andava contundido e Bezerra, Tecão, Teodoro e Zé Sérgio eram mais reservas — e é natural que em tão pouco tempo, dentro da agitação e da correria que definem o Campeonato Brasileiro, não se tenha conseguido um jeito de se fazer dele não apenas um time de competição, mas também um time brilhante.

Falta de sorte

Muitos, principalmente olhando o número elevado de gols que a defesa andou tomando em alguns jogos tidos como fáceis — dois contra o XV de Novembro de Piracicaba, três contra o Sport do Recife — consideram que ela não esteve nem está à altura do time que o São Paulo precisa formar, mas Mário Juliato, auxiliar e conselheiro do técnico Minelli, não concorda inteiramente e aponta duas justificativas para aqueles gols.

Uma delas, aceita por quase todos, está relacionada com os problemas de contusões que não abandonaram o Morumbi. Jaime fraturou a perna num lance comum; Hermínio, trazido numa emergência, não consegue ver-se livre de velhas e novas contusões; e Tecão, num lance isolado, também andou trincando ossos do braço, forçando a volta de Estêvão, felizmente já quase dentro de sua forma física ideal. Tudo isso, claro, sem se falar nos problemas surgidos com Teodoro, com Dario Pereyra, com Serginho e com algumas expulsões injustas, caso de Estêvão no último jogo contra o Operário.

— Fora isso, a culpa pelos gols não deve ser debitada à zaga. Os gols saíram mais em consequência da má arrumação no meio de campo. Chicão andou se largando para o ataque além do aconselhável, e os times aproveitaram bem o espaço surgido entre a zaga e o meio-de-campo. Bezerra, por ser canhoto, faz melhor a cobertura pela esquerda, e a que devia ser feita pela direita, com Chicão, muitas vezes não existiu. Corrigimos essas falhas nos jogos contra o Grêmio e contra o Operário, e todos viram como o time subiu de pro-

RONALDO KOTSCHO

Não houve destaque: apesar das contusões, muita aplicação.

dução, com ninguém mais se lembrando de falar que a defesa não está à altura do time.

São explicações que podem não satisfazer inteiramente a todos, mas que devem ser levadas até os torcedores. Assim como se deve dar a Mário Juliato o direito de achar que todas as contratações feitas foram corretas.

— O Toinho tem mostrado ser um grande goleiro e nós, além disso, tentamos contratar o Carlos, da Ponte Preta, não conseguindo. Getúlio é de seleção, Hermínio sempre foi muito conhecido e o Jaime só não mostrou mais porque veio para ser quarto-zagueiro e acabou precisando jogar de central. Tentamos contratar o Anchetá, do Grêmio, que também não deu certo, e quase trouxemos o Oscar, da Ponte, com o negócio falhando quase na última hora. Aí, dentro da lista de opções, indiquei o Estêvão, que eu conhecia bem de Campinas. E, para falar a verdade, acho que o Estêvão é até uma contratação melhor do que teria sido a do Oscar.

Ponto de equilíbrio

Mas foi com Chicão, isso sim, que o São Paulo, dentro do campo, começou a se organizar para, entrosando-se muito bem nos oito últimos jogos, desde aquela vitória por 4 a 0 contra o Internacional, lá em Porto Alegre, chegar ao título que poucos acreditavam conseguir já este ano. Desde que conseguiu superar os problemas criados com as críticas, na sua maioria injustas, recebidas na sua passagem pela Seleção Brasileira e, mais ainda, desde que decidiu-se provar que tinha condições de voltar a ela, deixando de lado a violência e o futebol apenas defensivo. Chicão passou a ser o importante ponto de equilíbrio e de desenvolvimento entre a defesa, o meio-de-campo e o ataque do São Paulo. Sempre teve boa presença na área adversária e sua evolução ofensiva compensa fartamente os poucos descuidos cometidos na parte defensiva, na certa ridículos, se a zaga estivesse melhor organizada e adaptada.

Teodoro, voltando bem depois de muitos meses de ostracismo, fazendo o papel de segundo volante, foi sempre um bom companheiro para Chicão. Pena que Neca, contratado como o homem certo para o lugar, mas afogado por muitas críticas, tenha tido altos e baixos. Ele e Zequinha, no todo, andaram dentro de um plano bom, mas perderam de longe para Serginho e Zé Sérgio, estes sim, desequilibrando as coisas para os adversários e fazendo — Serginho — os gols (18) que compensaram os sofridos pela defesa. Não é, na certa, por proteção ou por acaso, que Cláudio Coutinho tinha Serginho na sua relação de titulares, e que o garoto Zé Sérgio — ao lado de Chicão e de Valdir Peres, outra vez em grande forma — está na lista dos 48 convocáveis.

Nem é por acaso que muitos pon-



Uma dupla que, quando jogou, provou: Mirandinha e Serginho.



Após uma fase ruim, Valdir Peres voltou à forma de sempre.

tas-direitas andam sendo olhados e cadastrados por Mário Juliato, e que a torcida, como a Comissão Técnica, anda ansiosa para ver Dario Pereyra totalmente integrado ao time, jogando ele o fino do futebol que mostrou no segundo tempo da partida contra o Grêmio, ou fazendo com que Neca se fixe nos altos, abandonando os baixos, firmando-se inteiramente como o jogador em quem Minelli deposita tanta confiança.

Também não se diga que pelo fato de se afirmar que o ataque — mais por Serginho e por Zé Sérgio — e o meio-de-campo, mostraram-se mais à altura do time que a torcida sonha e que a diretoria, há muito, vinha prometendo, se está criticando a Comissão Técnica, mais especificamente o técnico Minelli. Muito menos se diga que tais detalhes diminuem o valor da conquista. Bem ao contrário, eles a realçam. É como diz Paulo Thadeu Bruno, torcedor-mirim.

Corpo e espírito

— Se mesmo com esses defeitos e com tantos problemas, o time chegou ao título, o que não teria acontecido se todas as coisas já estivessem arrumadinhas?

Segundo Getúlio, teria acontecido um massacre. Teria sido tão fácil e o time estaria tão disparado na frente, que o jogo de domingo teria sido apenas um treino coletivo.

De qualquer forma, teria sido sempre um time muito bem preparado física e espiritualmente, capaz de começar o campeonato com 40 por cento das condições ideais, para chegar aos 90 por cento no seu final, e capaz de viver sem estrelas, embora grandes estrelas não façam mal a time algum. O preparo físico ficou por conta da equipe do professor Medina; o espiritual, sem precisar falar na técnica e na disciplina, ficou por conta de Minelli e da diretoria. Minelli unindo o grupo e a diretoria mantendo a tradição de pagar rigorosamente em dia, dando ao jogador todo tipo de assistência, mas, agora, abrindo um pouco mais os cofres.

Que time é esse? Esse é um time que mesmo correndo por fora, que mesmo passando por uma fase de formação e que mesmo tendo cometido algumas falhas, chegou bem ao título disputado por outros 61 clubes. Não é um time de estrelas, não é um time fácil de ser decorado, não é um time capaz de entrar para a história como um time de escalação sonora, mas é um time que merece receber mais para chegar a ser, também, tudo isso. Para comover a torcida que, nos bons tempos de Luisinho, Pardal e Noronha, prestigiava o time com seu canto de guerra:

Arakan, baran, bakan
Stumberê, stumberá
Makambé, mecambá
Rico, reco, rico, rá
Rá, rá, rá!
São Paulo!
São Paulo!
São Paulo!

José Maria de Aquino

EM CAMPO, TREZE LEÕES COMANDADOS POR MINELLI



Lutador, Dário Pereyra foi um atacante a mais, acoassando João Leite e Vantuir a toda hora.

Dirão que foi uma decisão fria, feia, conseguida apenas na cobrança de pênaltis, com os erros de Cerezzo, Márcio e Joãozinho Paulista, sem a beleza de um gol trabalhado, sem que a torcida esgotasse suas emoções.

Dirão, talvez, que tudo isso é muito incrível, que a história acaba de registrar uma das maiores zebras do futebol, uma fantástica aberração sem muita lógica e sem muitas explicações válidas. Dirão, ainda, que não pode ser verdade, que não é justo, que não é possível que um time como o São Paulo, cheio de problemas de contusão e suspensão de Serginho, pudesse chegar onde chegou. Dirão que é terrível que um time como esse pudesse emudecer o Mineirão, lotado pela torcida mais alegre e fiel de todo o Brasil.

Dirão mil coisas. E a resposta, feita em forma de pergunta, deve ser uma só: e daí?

Por acaso, não constava do regulamento do Campeonato Brasileiro que a decisão poderia ser feita com cobrança de pênaltis? Por acaso, não fazia parte desse mesmo regulamento que essa mesma decisão poderia ter acontecido no cara ou coroa?

Mais ainda. Por acaso não fez o São Paulo, domingo à tarde, bem mais que o Galo, por merecer a faixa de campeão — que agora ostenta orgulhoso em seu suado peito? Não teria, esse jogo, feito do goleiro João Leite uma das grandes figuras em campo, fazendo defesas incríveis, marcando e se firmando como um dos melhores do Brasileiro? Por acaso não teria Márcio tirado, de cima da linha de gol, um chute preciso de Chicão?

Com amor e catimba

E por acaso não teria o time do São Paulo se mostrado muito mais experiente, muito mais maduro, muito mais preparado para uma decisão como aquela, nervosa, séria, jogada dentro e fora do campo, com malícia, com amor, com garra, com catimba e com precisão? Por acaso não aconteceu tudo isso — e muita coisa mais — naquela tarde de chuva fina, parecendo sentir, por antecipação, que o famoso grito de guerra GA-LO, GA-LO, cantado a noite inteira, na véspera do jogo, e ensaiado o campeonato inteiro para ser cantado também depois do jogo, acabaria sufocada naquelas centenas de milhares de gargantas?

Claro que sim. É certo que, nos cálculos feitos por todos, olhando para os pontos ganhos, para os gols marcados e sofridos, para o número de vitórias, derrotas, empates e até para o número de jogadores chamados para a Seleção Brasileira, tudo apontava o Atlético como feliz e tranquilo vencedor. O São Paulo, humilde, mas altivo, preocupado, mas valente, cheio de problemas, mas disposto a vender caro qualquer resultado adverso, preparou-se com muito cuidado, armou-se para provar que qualquer guerra só pode ser anunciada como ganha depois de vencida a última batalha. E conseguiu seus objetivos.

Conseguiu-os não desprezando as qualidades do adversário e, ao contrário, tratando de anulá-las. Sabia que Toninho Cerezo, Ângelo e Marcelo são seus principais jogadores — já que Reinaldo, assim como Serginho, estava de fora, suspensos pelo Tribunal de Justiça Desportiva — organizando quase todas as suas jogadas, funcionando como as alavancas que levam aquela máquina avassaladora para o ataque, criando e ajudando Ziza, Serginho, Alves e outros a triturarem seus adversários, e cuidou para não deixar que eles jogassem. Dario Pereira grudou em Toninho Cerezo; Teodoro juntou-se a Ângelo; Chicão fez o mesmo com Marcelo; Peres — que entrou em lugar de Teodoro — não largou de Paulo Isidoro; o resto ficou por conta de Antenor, cada vez mais perto do lateral que o São Paulo precisa; de Getúlio, anulando Ziza; de Tecão, numa das suas melhores partidas pelo São Paulo, presente contra Caio ou Joãozinho Paulista; e de Bezerra, que, agora, depois da campanha deste ano, já dispensa apresentações.

Milagres de Valdir

O ataque fez o que pôde, com Mirandinha, necessariamente, um pouco isolado; com Zé Sérgio dando muito trabalho a Valdemir e depois a Alves, com Viana surpreendendo pela vitalidade, pela dedicação e pelo brio, e com Valdir Perez, mostrando, mais uma vez, porque deve continuar sendo apontado como um dos três melhores goleiros do Brasil. Sereno, preciso, presente nas horas mais difíceis, quando precisou fazer seus *milagres*, detalhes que acabaram empurrando o time mais pra frente, caímbando quando Márcio foi cobrar o último pênalti do Galo, chutando-o para fora e, a rigor, apenas Neca não merece elogios.

Todos os elogios devem ser dirigidos ao técnico Minelli, mais uma vez muito feliz na organização do time, na escolha do esquema de jogo a ser colocado em prática, e aos jogadores que cumpriram fielmente, praticamente sem falhas, foram treze leões de garras afiadas, merecendo todos os aplausos e toda a festa dedicada por sua torcida. Mas, entre todos eles, um especificamente precisa ser colocado um degrau acima daquele em que os outros se situaram. Falo, e todos os mineiros falaram por muito tempo após o jogo, de Chicão.



A apoteose do final: os jogadores misturam-se aos torcedores e armam seu carnaval



Valdir vencido, o pênalti cobrado por Márcio sai por cima da trave. O São Paulo é campeão!



no Mineirão.



Mirandinha com a bola, Neca caído, dois atacantes apavorando uma defesa bastante insegura.



Abraçados, os garotos do Galo abandonam o campo: uma derrota que, até o início do jogo, parecia impossível. Como em 50. ▶

Um Chicão limpo, preciso na marcação, objetivo na entrega da bola, correto no apoio ao ataque — chutou três bolas da entrada da área, duas salvas quando o goleiro já estava praticamente batido —, nunca advertido pelo juiz, correndo o campo inteiro e os 120 minutos do jogo. De um Chicão que saiu de campo chorando, mordido, oferecendo o título ao amigo Serginho, mas na certa duplamente contente. Contente por ter ganho um título tão importante, contente por ter cumprido exemplarmente o seu papel. E contente porque sabia que o Brasil inteiro estava ligado naquela decisão, vendo e sentindo que não há qualquer injustiça na sua inclusão entre os 48 relacionados por Cláudio Coutinho para a Seleção Brasileira. Muito ao contrário.

É verdade que com tudo isso, com o grito de GA-LO morrendo na garganta da massa atleticana, Belo Horizonte ficou mais triste na noite de domingo. As ruas não tinham o mesmo movimento da véspera, as buzinas dos carros estavam quietas. Mas é verdade, também, que pelo menos em alguns pontos, aqui e ali, no centro, na rodoviária, perto dos hotéis, no aeroporto e no início das rodovias, largos sorrisos se abriam e um bom número de bandeiras se agitavam para acompanhar um outro grito, o grito do vencedor: São Paulo. São Paulo.

José Maria de Aquino

UMA DECISÃO QUE LEMBROU 1950

Para a torcida do Atlético, a decisão teve um sabor semelhante a 1950, quando o Brasil perdeu a Copa do Mundo em pleno Maracanã. Para a torcida do São Paulo, a explosão de quem soube suportar o favoritismo do adversário até o último pênalti.

O certo, nisso tudo, é que os mineiros não contavam com a perda do título. Isso ficou claro desde a véspera do jogo, quando já começava um carnaval antecipado da vitória, muita gente com faixas de campeão atravessadas no peito, muita gente com duas estrelas douradas na bandeira. Belo Horizonte, sábado à noite, assistiu a um carnaval em preto e branco. Era o prenúncio de uma festa ainda maior no domingo, que realmente aconteceu. Logo cedo, apesar da chuva insistente, os torcedores invadiram os centros tradicionais, av. Afonso Pena, praça Sete, Savassi — o congestionamento era total. Procições de automóveis, com bandeiras desfraldadas, percorriam a cidade de ponta a ponta. A tranquilidade do domingo foi trocada pelos gritos de uma torcida que já se sentia campeã.

Euforia

Tudo era festa. Uma festa, também, do consumo. Durante toda a semana, as casas de tecidos tiveram uma violenta procura de panos brancos e pretos. As lojas de materiais es-



Entrando na fogueira, Viana saiu-se muito bem e não deixou o lateral Alves ir ao ataque.



Darío cumpriu sua função: grudar em Cerezzo.



Tecão e Anterfor: marcação dura em Isidoro.

portivos esgotaram seus estoques de camisetas — e o número mais procurado, sem dúvida, era o 9, de Reinaldo. O centroavante, impedido de jogar, assistiu à partida nas cadeiras especiais, ao lado do presidente Walmir Pereira. No centro, era grande o número de vendedores ambulantes com faixas, bandeiras, camisas, plásticos, chaveiros que curiosamente já estavam preparados para o título. "Campeão invicto", "bicampeão brasileiro" — inscrições gravadas nesses brindes.

Dentro do estádio, a euforia pros-

seguia. Reforçada por bandeiras do Corinthians, América Mineiro, Vila Nova, a galera atleticana tomava conta de quase todo o Mineirão. Enquistados na área reservada tradicionalmente ao Cruzeiro, cerca de 2 500 torcedores são-paulinos tentavam, impotentes, enfrentar a agitação dos adversários.

Uma euforia. No entanto, durante o jogo, o que se viu foi uma torcida nervosa, tensa, talvez pressentindo o pior. Ou, pelo menos, tomada da

mesma insegurança que assustava os jogadores lá dentro de campo. Sem se manifestar como em outras partidas, sem levar o time à frente, a torcida apenas ameaçava, com seus gritos de *Galooo! Galooo!*. O estímulo, porém, não tinha resposta. Quando vieram os pênaltis, todo mundo gelou. Aí, era tudo ou nada.

Para o Atlético, para sua imensa torcida, um vice-campeonato invicto. Que foi igual a nada.

Aníbal Christiano Pena

Fotos Célio Apolinário/José Pinto/Ronaldo Kotscho/Rodolpho Machado

Ao fim da última batalha, o Galo não anunciava a aurora.



CÉLIO APOLINÁRIO

A batalha foi travada no meio-campo, onde valeram a garra de Chicão e a classe de Cerezzo, produto made in Barbatana.

“Cada campeonato é uma guerra”, dizia o uruguaio Ondino Vieira — e agia a partir de tal concepção: primava pela esquematização tática dos times que dirigia, fazia questão de esconder seus planos de qualquer repórter. Carlos Nascimento, o Pajé Branco, tornou-se famoso por sua condição de disciplinador, foi o homem-forte das seleções que disputaram as Copas de 1958, 62 e 66. Um estrategista e um disciplinador — o técnico Barbatana confessa que aprendeu com os dois “quase tudo o que sabe sobre futebol”. Foi um bom aluno de grandes mestres, que conheceu no seu tempo de jogador do Bangu, no comecinho da década de 50.

Mineiro de Ponte Nova, João Lacerda Filho, o Barbatana, deve à bo-

la o primeiro emprego que teve: na usina da cidade, com a condição de jogar no time dos funcionários — Ana Florência Sport Clube —, que disputava o campeonato amador. Aos 17 anos, era titular. Em 1950, excursionava com o Galo à Europa, emprestado pelo Metalusina, de Barão de Cocais. Na volta teve o passe vendido ao Bangu, onde ficou até 1953, quando foi comprado pelo Vila Nova. Encerraria sua carreira em 1959, no Atlético. E foi tratar da vida longe do futebol, no comércio.

Em 1968, recebeu convite do diretor Baeta Neves, do Atlético, para dirigir a escolinha que o clube organizava. Aceitou. Pouco tempo depois dirigia todas as categorias inferiores, a partir de uma concepção, para a

época, verdadeiramente revolucionária: formar jogadores para o aproveitamento no elenco profissional. Mas formá-los de tal maneira que pudessem ser aproveitados ainda bem jovens, antes dos 20 anos. Temos então que Barbatana é técnico há apenas dez anos.

Em 1973, pela primeira vez, dirigia um elenco profissional — o do Nacional de Manaus, que se preparava para disputar o Brasileiro. Como ele sabia muito bem o valor de seus juvenis, levou vários para o clube: Cerezzo, entre eles. Retornou a Minas no ano seguinte, andou por Goiás e Ceúb e, em março de 1976, assumiu o time principal do Atlético.

Ninguém melhor do que ele conhecia o elenco do clube: pratica-

mente formado apenas por jogadores promovidos das categorias inferiores, jovens que o conheciam também profundamente — e isso logicamente facilitou tudo.

Até mesmo o encontro de soluções para certos incidentes, como quando ele barrou Toninho Cerezzo, já na Seleção (o médio reconheceu estar errado), ou contornou a decisão de Marcelo, que dizia só renovar contrato se lhe dessem tudo o que pedia: renovou, sem ganhar tanto, a conselho de Barbatana.

De frases curtas, sempre sério, Barbatana deixa a impressão de um cara fechadão. Até certo ponto. Mas está sempre disposto a aconselhar seus meninos, a compreender seus erros.

CAMPANHA DO CAMPEÃO

Valdir (Valdir Peres Arruda) — Goleiro, 27 anos, 77 kg, 1,79m de altura. Veio contratado da Ponte Preta para o São Paulo em 1973. Nesse mesmo ano, foi vice-campeão brasileiro; em 1974, conquistou o vice-campeonato na Taça Libertadores e, em 1975, se tornou campeão paulista. Está na lista dos 48 convocados por Cláudio Coutinho.

Getúlio (Getúlio Costa de Oliveira) — Lateral-direito, 24 anos, 74 kg, 1,75m de altura. Campeão mineiro pelo Atlético em 1976; no ano passado foi para o São Paulo. Já defendeu a Seleção Brasileira duas vezes: em 1975 e 1976. Jogador de chute forte, é ótimo cobrador de faltas e habituado a apoiar o ataque. Depois de vários meses afastado por contusão, parece ter reencontrado seu futebol jogando pelo São Paulo.

Estevam (Estevam Eduardo Lemos) — Zagueiro central, 21 anos, jogou no Guarani e, depois por empréstimo, no XV de Novembro de Jauá. Quando ainda amador do Guarani, quebrou a perna numa pelada e foi marginalizado pela diretoria do clube campineiro. Recuperou-se e, agora, no São Paulo ainda luta para garantir a posição. Expulso no segundo jogo contra o Operário, não participou da final.

Bezerra (Juvenal de Souza) — Quarto-zagueiro, 28 anos. Contratado junto ao Guarani, está no São Paulo desde 1976. Sua posição original é lateral-esquerdo. Mas, para quebrar galho, foi deslocado para a quarta zaga por Rubens Minelli. E, nas novas funções, acabou se saindo muito bem. Isso, apesar da baixa estatura,

que consegue suprir com muita garra dentro do campo. Ótimo nas bolas no chão e na cobertura.

Antenor (Antenor Machado Filho) — Lateral-esquerdo, 25 anos, 71 kg, 1,75m de altura. Começou no Atlético Mineiro, foi transferido para o Nacional de Manaus, onde o São Paulo foi buscá-lo em 1977. Sua posição original é lateral-direito; mas também neste caso, por conveniência de Minelli, acabou na lateral-esquerda.

Chicão (Francisco Jesuino Avanzi) — Médio volante, 29 anos, 76 kg, 1,82m de altura. Começou no XV de Novembro de Piracicaba. Transferiu-se para a Ponte Preta e, em 1973, para o São Paulo. Seus títulos mais importantes são: vice-campeão nacional em 1973, vice-campeão da Libertadores em 1974 e campeão paulista em 1975. Já esteve na Seleção Brasileira, mas sem muito sucesso. Agora, voltou a ser lembrado e está incluído entre os 48 de Cláudio Coutinho.

Teodoro (Teodoro Matos Santana) — Meia-armador, 29 anos, 77 kg, 1,79m de altura. Passou pela Ferroviária de Araraquara e, a exemplo de Chicão, também esteve na Ponte Preta. No São Paulo desde 1970, fraturou a perna em 1972 jogando contra o próprio Atlético Mineiro, nas semifinais do Campeonato Brasileiro. Em 1975, foi emprestado para o Santos e, de volta ao São Paulo, se encaixou perfeitamente no esquema de Minelli — um técnico que, sabidamente, dá preferência a jogadores fortes. Muito combativo, é um dos principais responsáveis pela boa campanha tricolor.

Zequinha (José Márcio Pereira da Silva) — Ponta-direita, 29 anos, 67 kg, 1,69m de altura. Já jogou no Flamengo, Palmeiras e Botafogo carioca. Saiu do Grêmio e foi para o São Paulo disputar o Campeonato Brasileiro, por empréstimo. Veloz e bom driblador, na melhor fase de sua carreira integrou a Seleção Brasileira (1971 e 1972). No São Paulo, talvez em virtude da idade, não conseguiu se firmar.

Serginho (Sérgio Bernardino) — Centroavante, 25 anos. Titular do São Paulo desde 1975, quando foi campeão paulista. Nesse mesmo ano e, depois, em 1977, foi artilheiro dos campeonatos paulistas. Suspenso por catorze meses, acabou não sendo incluído na lista de 21 jogadores para a Copa.

Neca (Antônio Rodrigues Filho) — Meia-direita, 26 anos, 76 kg, 1,82m de altura. Passou pelo Esportivo (Bento Gonçalves, RS), Grêmio, Corinthians e Cruzeiro. Em pouco mais de um ano defendeu quatro equipes diferentes. Sua primeira passagem pelo futebol paulista foi um verdadeiro desastre. Acusado de pipoqueiro pela torcida corintiana, foi para o Cruzeiro. Voltou logo depois para o São Paulo e apresentou altos e baixos.

Zé Sérgio (José Sérgio Prestes) — Ponta-esquerda, 21 anos. Primo de Rivelino, veio das equipes juvenis do São Paulo. Promovido ao time principal, é considerado uma das principais revelações do futebol paulista nos últimos anos. Ponta rápido e driblador, não repete a mesma boa fase do início de carreira profissional.

Mesmo assim, figura entre os 48 da Seleção Brasileira.

Mirandinha (Sebastião Miranda da Silva Filho) — Centroavante, 26 anos. Começou no América de Rio Preto e depois foi comprado pelo Corinthians. Saiu do alvinegro com fama de grosso e, no São Paulo, acabou encontrando seu melhor futebol, fazendo muitos gols. Em 1975, jogando contra o mesmo América de Rio Preto, fraturou a perna. Ficou três anos parado e, na volta, fez algumas partidas pela ponta-direita. Com a suspensão de Serginho, retomou sua posição original de centroavante. Defendeu o Brasil na Copa de 1974.

Dário Pereyra — Meia-armador, 21 anos. Contratado pelo São Paulo em 1977, teve sua transferência para o futebol brasileiro bastante dificultada pela Federação Uruguaia, interessada em preservar seus craques mais novos. Começou no tricolor dando azar: treinando, às vésperas de sua estréia oficial, luxou o cotovelo. Teve de gessar o braço, mas se recuperou a tempo de participar da fase final da Copa Brasil.

Toinho (Antônio Pádua Soares) — Goleiro, 25 anos. Veio do Sport Club Recife para o São Paulo. Encontrou Valdir Peres titular e em boa fase, obrigando o técnico Minelli a introduzir o sistema de rodízio entre os goleiros (três jogos cada). O sistema, porém, foi abandonado na fase final, já que Toinho vinha de uma contusão e Valdir estava muito bem. Jogador arrojado e seguro, Toinho chegou a ser lembrado para a Seleção, mas não está entre os 48 convocados.

TABELÃO

FASE PRELIMINAR

16/outubro
NÁUTICO 0 X SÃO PAULO 1
Local: Colosso do Arruda; Juiz: Valquir Pimentel (RJ); Renda: Cr\$ 202 845,00; Público: 7 999; Gol: Serginho 6 do 1.º

19/outubro
BOTAFOGO PB 0 X SÃO PAULO 2
Local: José Américo de Almeida; Juiz: José Roberto Wright (RJ); Renda: Cr\$ 529 910,00; Gols: Getúlio 8 e Serginho 38 do 2.º

23/outubro
CSA 0 X SÃO PAULO 0
Local: Rei Pelé; Juiz: Manuel Amaro de Lima (PE); Renda: Cr\$ 523 280,00; Público: 21 059;

2/novembro/77
XV DE PIRACICABA 1 X SÃO PAULO 1
Local: Barão de Serra Negra; Juiz: Ulisses Tavares da Silva (SP); Renda: Cr\$ 650 920,00; Público: 19 951; Gols: Getúlio 15 e Volmil 17 do 2.º

6/novembro/77
SÃO PAULO 0 X PALMEIRAS 2
Local: Pacaembu; Juiz: Arnaldo César Coelho (RJ); Renda: Cr\$ 965 080,00; Público: 31 027; Gols: Jorge Mendonça 5 e 28 do 2.º

13/novembro
SÃO PAULO 1 X SANTA CRUZ 0
Local: Pacaembu; Juiz: Aírton Vieira de Moraes (RJ); Renda: Cr\$ 833 040,00; Público: 31 012; Gol: Müller 40 do 2.º

16/novembro/77
SÃO PAULO 3 X TREZE 0
Local: Pacaembu; Juiz: José Carlos Bezerra (SC); Renda: Cr\$ 326 890,00; Gols: Serginho 4 e 19 do 1.º; Serginho 20 do 2.º

23/novembro/77
SÃO PAULO 2 X SPORT 0
Local: Pacaembu; Juiz: José Marçal Filho (RJ); Renda: Cr\$ 385 250,00; Público: 12 938; Gols: Getúlio 1 e Neca 30 do 1.º

26/novembro/77
SÃO PAULO 4 X CRB 0
Local: Pacaembu; Juiz: Mário Rui de Moura Sousa (RJ); Renda: Cr\$ 467 270,00; Público: 17 058; Gols: Neca 3 e Serginho 6 do 1.º; Serginho 11 e Neca 45 do 2.º

FASE SEMIFINAL
4/dezembro/77
CORINTHIANS 2 X SÃO PAULO 0
Local: Pacaembu; Juiz: Valquir Pimentel (RJ); Renda: Cr\$ 1 569 840,00; Público: 56 036; Gols: Geraldo 5 do 1.º e Romeu 45 do 2.º

7/dezembro/77
SÃO PAULO 5 X BRASÍLIA 0
Local: Pacaembu; Juiz: Moacir Miguel dos Santos (RJ); Renda: Cr\$ 163 860,00; Público: 4 267; Gols: Serginho 7 e 25, e Chicão 27 do 1.º; Teodoro 10 e Neca 29 do 2.º

11/dezembro/77
INTERNACIONAL 1 X SÃO PAULO 4
Local: Beira-Rio; Juiz: José Roberto Wright (RJ); Renda: Cr\$ 1 008 675,00; Público: 38 142; Gols: Teodoro 8, Serginho 31 e Zé Sérgio 39 do 1.º; Serginho 9 e Escurinho 34 do 2.º

18/dezembro/77
AMÉRICA-RJ 0 X SÃO PAULO 0
Local: Maracanã; Juiz: Bráulio Zanotto (PR); Renda: Cr\$ 515 170,00; Público: 18 428

FASE FINAL
28/janeiro/78
SÃO PAULO 4 X XV DE NOVEMBRO 2
Local: Morumbi; Juiz: Almir Laguna (SP); Renda: Cr\$ 778 820,00; Público: 22 606; Gols: Roberto 12, Serginho 26 e Zé Sérgio 43 do 1.º; Serginho 10, Perrela 16 e Neca 18 do 2.º

1.º/fevereiro/78
PONTE PRETA 1 X SÃO PAULO 3
Local: Moisés Lucarelli; Juiz: Mário Rui de Sousa (RJ); Renda: Cr\$ 1 027 590,00; Público: 34 985; Gols: Neca 6, Serginho 10 e Tuta 21 do 1.º; Serginho 43 do 2.º

12/fevereiro/78
BOTAFOGO-SP 1 X SÃO PAULO 0
Local: Santa Cruz; Juiz: Oscar Scolfaro (SP); Renda: Cr\$ 912 740,00; Público: 30 592; Gol: Sócrates 13 do 2.º

15/fevereiro/78
SÃO PAULO 4 X SPORT 3
Local: Morumbi; Juiz: Luís Carlos Félix (RJ); Renda: Cr\$ 573 750,00; Público: 13 461; Gols: Miltão 10, Pita 27, Tovar (contra) 39 e Bezerra 45 do 1.º; Zé Sérgio 9, Mirandinha 13 e Darsi 35 do 2.º

19/fevereiro/78
SÃO PAULO 3 X GRÊMIO 1
Local: Morumbi; Juiz: Arnaldo César Coelho (RJ); Renda: Cr\$ 2 800 270,00; Público: 73 765; Gols: Getúlio 23 e Serginho 40 do 1.º; Mirandinha 8 e Eder (penalti) 34 do 2.º

2.º turno
FASE FINAL
26/fevereiro/78
SÃO PAULO 3 X OPERÁRIO 0
Local: Morumbi; Juiz: José Roberto Wright (RJ); Renda: Cr\$ 4 258 060,00; Público: 103 092; Gols: Serginho 32, Neca 42 e Serginho 48 do 2.º

1.º/março/78
OPERÁRIO 1 X SÃO PAULO 0
Local: Pedro Pedrossian; Juiz: Luís Carlos Félix (RJ); Renda: Cr\$ 774 075,00; Público: 20 161; Gol: Tadeu 34 do 2.º

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2023



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ